



A GRANDE E SANTA SEMANA NA IGREJA ORTODOXA



PREFÁCIO

S. E.R. Metropolita Iosif de
Buenos Aires e América do Sul



Um dos compromissos que assumimos desde o início da nossa *diaconia* é a catequese e a formação na fé dos nossos fiéis. Neste contexto, apresentamos este novo material para a Semana Santa que foi traduzido e adaptado de um material oferecido pela Sacra Arquidiocese da (América do Norte).

O material tem uma linguagem direta e simples, e a informação que ministra tem um caráter puramente catequético e informativo para que possa ser usado tanto por nossos fiéis, como por qualquer outra pessoa que deseje ser informada sobre como os ortodoxos vivem a Semana Santa.

Agradeço a S.E.R. Bispo de Nazianzo, Dom Atenágoras, diretor do Departamento de Educação Religiosa da Arquidiocese dos Estados Unidos, com quem colaboramos para esta edição conjunta que será publicada em ambas as arquidioceses do Trono Ecumênico nas Américas.

Oferecemos, portanto, este material em espanhol para todos os falantes desta língua em nosso continente, com a esperança de que dê frutos a nível espiritual e ajude os nossos fiéis a viver esta grande e santa semana da melhor maneira, com abertura espiritual e, acima de tudo, com a receptividade necessária que lhes capacite a receber a luz incriada que emana do sepulcro vazio de Cristo.

A versão em língua portuguesa foi traduzida e editada pelos Rev.mos Arquimandritas André Sperandio e Irineo Tamanini, a quem lhes agradeço profundamente por sua inestimável colaboração.

Por fim, desejamos a todos que esta Semana Santa seja uma oportunidade para fortalecer a nossa fé, para nos purificarmos das máculas apaixonadas do nosso ego-mente e para que possamos seguir adiante em nossa vida confortados com a certeza e o conhecimento plenos de que Cristo ressuscitou dos mortos e já nos concedeu ricamente aquela Vida que é «*amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, autodomínio*». (Gál 5:22-23)

Na Sede Arquidiocesana, Abril de 2023.



SÁBADO DO SANTO E JUSTO LÁZARO, AMIGO DE CRISTO

INTRODUÇÃO

No sábado que antecede a Semana Santa, a Igreja Ortodoxa comemora uma das principais festas do ano: o milagre de nosso Senhor, Deus e Salvador Jesus Cristo, quando ressuscitou Lázaro dos mortos, depois de ter permanecido no sepulcro por quatro dias.

Aqui, no final da Grande Quaresma e dos quarenta dias de jejum e penitência, a Igreja combina esta celebração com a do Domingo de Ramos, e nos dá a chave de leitura para a celebração de toda a semana que é **o triunfo da Vida – Cristo – sobre a morte, através da ressurreição**.

Assim, com vitória e alegria, a Igreja testemunha o poder de Cristo sobre a morte e exalta-o como Rei antes de entrar na semana mais solene do ano, que conduz os fiéis à comemoração do seu sofrimento e da sua morte, que necessariamente decanta na grande e gloriosa festa da Páscoa.

CONTEXTO BÍBLICO

A história da ressurreição de Lázaro dentre os mortos por Jesus Cristo é encontrada no Evangelho de João 11:1-45. Lázaro fica doente e suas irmãs, Maria e Marta, enviam uma mensagem a Jesus dizendo: «*Senhor, aquele que amas está doente*». Em resposta à mensagem, Jesus diz: «*Essa doença não é mortal, mas para a glória de Deus, para que, por ela, seja glorificado o Filho de Deus*» (vv. 1-4).

Jesus não foi imediatamente a Betânia, o povoado onde Lázaro vivia com suas irmãs, em vez disso, permaneceu por mais dois dias no lugar onde estava hospedado. Passado esse tempo, disse a seus discípulos que deveriam retornar à Judéia. Os discípulos imediatamente expressaram preocupação, afirmando que os judeus haviam recentemente tentado apedrejá-lo (Jo 10:31). Jesus respondeu aos seus discípulos: «*Não são doze as horas do dia? Se alguém caminha durante o dia, não tropeça, porque vê a luz deste mundo; mas se alguém caminha à noite, tropeça, porque a luz não está nele*» (vv. 5-10).

Depois disso, Jesus disse a seus discípulos que Lázaro havia adormecido e estava indo lá para acordá-lo. Os discípulos se perguntavam por que Ele despertaria Lázaro, se lhe fazia bem dormir, estando Ele enfermo. Jesus, no entanto, estava se referindo à morte de Lázaro, e assim disse diretamente aos discípulos que Lázaro estava morto (vv. 11-14).

Quando Jesus chegou a Betânia, Lázaro já estava no sepulcro há quatro dias. Como Betânia estava perto de Jerusalém, muitos dos judeus vieram para consolar Maria e Marta. Quando Marta ouviu Jesus se aproximando, foi ao seu encontro e disse: «*Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido. Mas ainda agora sei que tudo o que pedires a Deus, Ele te concederá*». Jesus lhe disse que seu irmão ressuscitaria. Marta disse que sabia que Ele ressuscitaria na ressurreição do último dia. Jesus respondeu: «*Eu sou a ressurreição. Quem*

crê em mim, ainda que morra, viverá. E quem vive e crê em mim jamais morrerá. Jesus perguntou a Marta se ela acreditava nisso. Ela lhe disse: «Sim, Senhor, eu creio que tu és o Cristo, o Filho de Deus que vem ao mundo» (vv. 17-27).

Marta voltou para dizer a Maria que Jesus tinha vindo e estava pedindo por ela. Maria foi ao seu encontro e foi seguida por aqueles que a consolavam. Os enlutados a seguiram pensando que ela estava indo ao túmulo para lá chorar. Chegando a Jesus, ela prostrou-se a seus pés e lhe disse: «Senhor, se estivesse aqui, meu irmão não teria morrido». Jesus a viu chorando e aqueles que estavam com ela, e ficou profundamente comovido. Pediu para ser levado ao túmulo de Lázaro. Enquanto Jesus chorava por Lázaro, os judeus disseram: «Veja como Ele o amava». Outros se perguntavam, se Jesus podia abrir os olhos aos cegos, certamente poderia ter impedido Lázaro de morrer (vv. 28-37).

Jesus se aproximou do túmulo e pediu que a pedra que fechava a entrada fosse removida. Marta comentou que Lázaro já estava no túmulo há quatro dias e que haveria mau cheiro. Jesus respondeu: «Não te disse que, se creres, verás a glória de Deus?» A pedra foi removida, e Jesus olhou para o céu e disse: «Pai, dou-te graças porque me ouviste. Eu sabia que sempre me ouves; mas digo isso por causa da multidão que me rodeia, para que creiam que me enviaste». Tendo dito isso, gritou em alta voz: «Lázaro, vem para fora!» Lázaro saiu, com os pés e mãos enfaixados e com o rosto recoberto com um sudário. Jesus lhes disse: «Desatai-o e deixai-o ir embora» (vv. 38-44).

Como resultado deste milagre, muitos dos judeus que estavam presentes creram em Jesus. Outros foram e contaram aos fariseus o que Jesus havia feito. Em resposta, os fariseus e os príncipes dos sacerdotes se reuniram e consideraram prendê-lo e matá-lo (v. 45 ss).

Este milagre é realizado por Cristo como o último sinal glorioso dado aos seus discípulos antes da Paixão vindoura: devem compreender que, embora Ele sofra e morra, Ele é Senhor e Vencedor da morte. **A ressurreição de Lázaro é uma profecia sob a forma de ação que prefigura a própria ressurreição de Cristo, oito dias depois e, ao mesmo tempo, antecipa a ressurreição de todos os justos no último dia.** Este sinal apocalíptico faz alusão direta às «**primícias salvíficas da regeneração do mundo**» que Cristo realiza em si mesmo e depois as transfere a todos aqueles que se identificam com Ele em todos os tempos, até a Ressurreição final nos últimos dias.

Como enfatizam os textos litúrgicos, o milagre de Betânia revela as duas naturezas de Cristo, Deus-homem. Cristo pergunta onde está Lázaro e chora por ele, e assim mostra a plenitude da sua humanidade, que implica a natural emotividade humana e a dor genuína por um amigo amado. Revelando logo a plenitude de sua Divindade, Cristo ressuscita Lázaro dos mortos, embora seu cadáver já tenha começado a se decompor.

Esta realidade da dupla plenitude da divindade do Senhor e da sua humanidade em sua única hipóstase deve-se ter presente durante toda a Semana Santa e, sobretudo, na Sexta-feira Santa. Na Cruz vemos uma autêntica agonia humana, tanto física como mental, mas sempre voluntária e configurada à realidade da Divindade.

ICONOGRAFIA



O ícone do Sábado de Lázaro mostra Cristo exortando seu amigo a deixar o túmulo. Lázaro está saindo do túmulo, ainda atado com as faixas funerárias. Suas irmãs, Maria e Marta, inclinam-se diante de Cristo, expressando tanto sua dor e tristeza pela morte do irmão, quanto sua fé em Cristo como Messias e Filho de Deus. Junto delas está alguém que

atendendo o pedido de nosso Senhor, removeu a pedra da entrada do sepulcro.

De pé com Cristo estão os seus discípulos que são testemunhas deste milagre. No centro do ícone está uma pessoa representando a multidão que também testemunhou o milagre. Alguns creram, outros, porém – maliciosamente – foram e contaram aos fariseus e aos sumos sacerdotes, que seguiram com suas maquinações para provocar a prisão e a morte de Cristo. Ao fundo está a cidade murada de Jerusalém, aonde Cristo chegará triunfante no dia seguinte.



CELEBRAÇÃO

O Sábado de Lázaro é celebrado com a Divina Liturgia de São João Crisóstomo, que é precedida pelo Ofício de Matinas. Na sexta-feira antes da festa, as Vésperas são celebradas em conjunto com a Liturgia dos Pré-santificados ou, na sua falta, de acordo com a ordem do *Triódion*. O dia e a comemoração recebem o nome do milagre de Cristo registrado no Evangelho. Tanto esta festa quanto o Domingo de Ramos são festividades jubilosas da Igreja, de modo que cores brilhantes são usadas para os paramentos e a Santa Mesa.

As leituras bíblicas para o Sábado de Lázaro são: No *Orthros* (Matinas): o Evangelho não é lido. Na Divina Liturgia: Hebreus 12:28-13:8 e João 11:1-45.

Na Divina Liturgia do Sábado de Lázaro, o versículo batismal de Gálatas – «Todos os que foram batizados em Cristo se revestiram de Cristo» (Gl 3:27)

substitui o Hino Trisagion, indicando assim o **caráter ressurrecional** da celebração, e o fato de que o Sábado de Lázaro era, no cristianismo antigo, um dos poucos grandes dias batismais no ano litúrgico.

HINOGRAFIA

APOLITÍKION (MODO 1º)

Ó Cristo Deus, dando-nos, antes da tua Paixão, uma garantia da ressurreição geral, ressuscitaste Lázaro dos mortos; por isso, nós também, como os filhos dos hebreus, levamos os símbolos da vitória, clamando: Ó vencedor da morte, hosana nas alturas! Bendito o que vem em nome do Senhor!

KONDAKION (MODO 2º)

Ó Cristo, alegria de todos, Verdade, Luz, Vida e Ressurreição do mundo manifestou-se na sua bondade aos que estão sobre a terra, fez-se modelo da Ressurreição, dando a todos o perdão divino.

EXAPOSTILARION (MODO 3º)

Pela tua palavra, ó Logos de Deus, Lázaro ressuscita agora dos mortos, tendo regressado a esta vida. Portanto, os povos te honram com seus ramos, ó Poderoso; pois, com a tua própria morte destruirás completamente o Hades.

Cristo já te despojou, ó morte, através de Lázaro. Onde está a tua vitória, ó Hades? Pois agora o lamento de Betânia é entregue a ti. Agitemos todos contra ela nossos ramos da vitória.

REFERÊNCIAS

Material catequético da Arquidiocese Ortodoxa Grega da América do Norte, traduzido para o espanhol e adaptado por S. E. R. Dom IOSIF, Arcebispo Metropolitano de Buenos Aires, com permissão expressa da jurisdição acima citada do Patriarcado Ecumênico. Versão em língua portuguesa traduzida e editada pelos Rev.mos Arquimandritas André Sperandio e Irineo Tamanini.

1. *The Lenten Triodion. traduzido por Madre Maria e Kallistos Ware* (South Canaan, PA: St. Tikhon's Seminary Press, 1994), pp. 57-58, 464-488.
2. *Schmemmann, Alexander. Great Lent: Journey to Pascha* (Crestwood, New York: St. Vladimir's Seminary Press, 1969), pp. 79-85.
3. *Calivas, Alkiviadis C. Great Week and Pascha in the Greek Orthodox Church* (Brookline: Holy Cross Press, 1992), pp. 21-27.
4. *Farley, Donna. Seasons of Grace: Reflections on the Orthodox Church Year* (Ben Lomond, CA: Conciliar Press, 2002), pp. 123-126.
5. *Icon of the Raising of Lazarus provided by Athanasios Clark and used with permission.*



DOMINGO DE RAMOS

*«Hosana nas alturas:
Bendito O que vem em nome do Senhor!»*

INTRODUÇÃO

No domingo antes da Festa da Grande e Santa Páscoa e no início da Semana Santa, a Igreja Ortodoxa celebra uma das suas festas mais jubilosas do ano. O Domingo de Ramos é a comemoração da entrada gloriosa de nosso Senhor em Jerusalém após seu glorioso sinal-milagre de ressuscitar Lázaro dos mortos.

Tendo antecipado Sua chegada e tendo ouvido falar do milagre em Betânia, o povo saiu ao encontro do Senhor e o recebeu com demonstrações de honra e gritos de louvor.

Neste dia, recebemos e adoramos a Cristo da mesma maneira – do mais profundo de nosso espírito –, confessando-o como nosso Rei e Senhor.

CONTEXTO BÍBLICO E CONTEMPLAÇÃO: O «REINO» QUE SE REVELA E SE DÁ A TODOS

A história bíblica do Domingo de Ramos está registrada em todos os quatro Evangelhos (Mateus 21:1-11; Marcos 11:1-10; Lucas 19:28-38; e João 12:12-18). Cinco dias antes da Páscoa, Jesus veio de Betânia para Jerusalém. Tendo enviado dois de seus discípulos para trazer-lhe um jumentinho, Jesus montou nele e entrou na cidade.

As pessoas se reuniram em Jerusalém para a Páscoa e estavam procurando por Jesus, tanto por causa de suas grandes obras e ensinamentos quanto porque ouviram falar do milagre da ressurreição de Lázaro. Quando ouviram que o Cristo estava entrando na cidade, saíram ao seu encontro com ramos de palmeiras, estendendo suas vestes no chão diante d'Ele e gritando: «Hosana! Bendito aquele que vem em nome do Senhor, o Rei de Israel!»

No entanto, as mesmas pessoas que o aplaudiam neste dia, gritariam por sua condenação alguns dias depois.

No início de seu ministério público, Jesus proclamou o Reino de Deus e anunciou que os poderes do século vindouro já estavam operativos no presente (Lucas 7:18-22). Suas **poderosas palavras e ações foram realizadas ao longo de sua vida como signos e sinais para se dar a conhecer e, assim, produzir o arrependimento – metanoia – como resposta natural ao seu chamado**, um chamado para uma mudança interior de mente e coração que resultaria em mudanças concretas na vida, um chamado para segui-lo e aceitar seu destino messiânico. A Entrada Triunfal de Jesus em Jerusalém é um evento messiânico, é outro **sinal-signo** através do qual declara-se e revela-se a sua Divindade.

O Domingo de Ramos convoca-nos a contemplar e a acolher o nosso rei: o Logos de Deus feito carne. Somos chamados a contemplá-Lo não simplesmente como Aquele que veio a nós uma vez montado em um

jumentinho, mas como Aquele que nos dá de novo a possibilidade de nos assemelharmos a Ele, uma vez que Ele venceu a morte e o pecado e curou nossa natureza caída. Este Cristo está sempre presente também na sua Igreja, vindo incessantemente a nós em poder e glória em cada Eucaristia, em cada oração e mistério, bem como em cada ato de amor, bondade e misericórdia. Ele vem para nos curar de todos os nossos medos e inseguranças, «para tomar posse solene de nossa alma e entronizar-se em nossos corações», como alguém disse, sempre em plena liberdade e em vista de nossa última libertação. Ele vem não apenas para nos libertar de nossas mortes por Sua morte e ressurreição, mas também para nos capacitar a alcançar a mais perfeita comunhão e união com Ele. Ele é o Rei, que nos liberta das trevas do pecado e da escravidão da morte. O Domingo de Ramos nos convoca a contemplar nosso Rei, vencedor da morte e doador da vida.

O Domingo de Ramos encoraja-nos e convida-nos a aceitar tanto a regra como o Reino de Deus como fim e conteúdo da nossa vida cristã, **resumidos no amor incondicional**. Assim, obtemos nossa **identidade** do Cristo e de Seu Reino. **O Reino é o próprio Cristo, o seu poder indescritível, a sua misericórdia ilimitada e o amor incompreensível dados gratuitamente ao homem para a sua perfeição.**

O **Reino** não está em algum ponto ou lugar no futuro distante. Nas palavras das Escrituras, o Reino de Deus não está apenas próximo (Mt 3:2; 4:17), está dentro de nós (Lc 17:21). O Reino é, paradoxalmente, uma realidade presente, bem como uma realização futura (Mt 6,10). Teófilo, o recluso, escreveu as seguintes palavras sobre o **Domínio** de Cristo Rei:

«O Reino de Deus está dentro de nós quando Deus reina em nós, quando a alma, em seu interior mais profundo, confessa a Deus como seu Soberano, e é obediente a Ele em todas as suas faculdades. Então Deus atua dentro dele como um mestre 'tanto na vontade quanto no cumprimento da sua boa vontade' (Fp 2:13). Este reinado começa assim que decidimos servir a Deus em nosso Senhor Jesus Cristo, pela graça do Espírito Santo. Então o cristão entrega a Deus a sua consciência e liberdade, que compreende a substância essencial da nossa vida humana, e Deus aceita o sacrifício; e assim se alcança a aliança do homem com Deus e de Deus com o homem, e o pacto com Deus, quebrada pela queda e que continua a ser quebrada pelos nossos pecados intencionais, é restaurada.»

Da mesma forma, o Reino de Deus é a vida da Santíssima Trindade no mundo – ad extra – através de sua energia incriada infinita. É o **Domínio** da santidade, da bondade, da verdade, da beleza, do amor, da paz, do perdão, da alegria e de todas as virtudes que nos assemelham a Cristo e emanam d'Ele. Essas qualidades não são obras do espírito humano. Procedem da vida de Deus e revelam Deus. Novamente: **Cristo em nós mesmos é o Reino.** Ele é o Deus-Homem, o **Teantropo**, que revelou o Pai na terra (Jo 1:1,14). «Ele estava

no mundo e o mundo foi feito por meio dele, mas o mundo não o reconheceu. Veio para o que era seu e os seus não o receberam» (Jo 1, 10-11).

Por outro lado, o Domingo de Ramos convida-nos a contemplar o nosso Rei, que é também o Servo Sofredor. Não podemos entender a realeza de Jesus fora da Paixão. Plenos de amor infinito pelo Pai e pelo Espírito Santo, e pela criação, Jesus, na sua humildade indescritível, aceitou a infinita humilhação da Cruz. Ele carregou nossos pecados e sobrelevou nossas fraquezas desde o princípio até o fim da criação; Ele foi ferido por nossas transgressões e fez de Si mesmo uma oferta pelo pecado (Is. 53). Sua glorificação, que se realizou pela ressurreição e ascensão, é necessariamente materializada através da Cruz:

«O Filho e Verbo do Pai, assim como Ele sem começo e eterno, veio hoje à cidade de Jerusalém, sentado sobre um animal mudo, sobre um jumentinho. Por temor, os querubins não ousam olhar para ele; no entanto, as crianças inocentemente o honram com palmas e ramos, e misticamente cantam um hino de louvor: 'Hosana nas alturas, Hosana ao Filho de Davi, que vem para salvar do erro toda a humanidade'».

«Com nossas almas purificadas e levando palmas em espírito, com fé, cantemos os louvores de Cristo, assim como as crianças, clamando e bradando ao Mestre: 'Tu és bendito, ó Salvador, que vieste ao mundo para salvar Adão da velha maldição: em tua filantropia te agradaste de te tornares espiritualmente o novo Adão. Ó Verbo, que dispuseste todas as coisas para o nosso bem, glória a Ti.'» (Hino do Orthros da festa)

ICONOGRAFIA

No ícone da Festa do Domingo de Ramos, Cristo é a figura central, retratado sentado em um jumentinho quando entra em Jerusalém, em cumprimento à profecia de Zacarias (9:9). Cristo está abençoando com sua mão direita, e em sua mão esquerda está um rolo, simbolizando que Ele é o cumprimento das profecias do Antigo Testamento sobre o Messias, o Cristo que veio para nos redimir de nossos pecados e destruir o poder da morte.



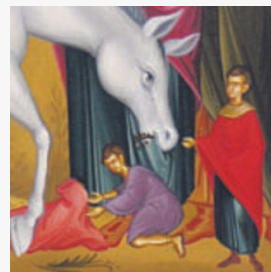
O jumentinho, um dos animais considerados impuros de acordo com a Lei, simboliza a inclusão de todos os povos e todas as nações – toda a humanidade caída – na nova aliança que é cumprida por toda a economia redentora de Cristo (Is 62:10-11), desde o princípio do mundo até a sua consumação. É também



um sinal de que nosso Senhor revelou o Reino celestial e espiritual que oferece paz e transcendência verdadeiras e duradouras.

À direita, os discípulos acompanham Jesus na sua Entrada Triunfal. Representados à esquerda estão os judeus que o saúdam bradando «Hosana! Bendito O que vem em nome do Senhor, o Rei de Israel!» A palavra «Hosana» significa «salva, eu te imploro» ou «salva agora».

As crianças são os pequeninos que estão saudando a Cristo com ramos de palmeira e colocando estes e suas vestes no chão diante de Cristo como sinais de honra para aquele que é reconhecido como Rei. A cidade de Jerusalém é mostrada como os edifícios murados, e o templo é retratado como o edifício abobadado.



CELEBRAÇÃO

O Domingo de Ramos é celebrado com a Divina Liturgia de São João Crisóstomo, que é precedida pelo Ofício das Matinas. Um Ofício de Grande Véspera acontece no sábado à noite de acordo com a ordem prescrita no *Triodion*. As leituras bíblicas para o Domingo de Ramos são: Vésperas: Gênesis 49:1,8-12; Sofonias 3:14-19; Zacarias 9:9-15. Nas Orthros (Matinas): Mateus 21:1-17. Na Divina Liturgia: Filipenses 4:4-9 e João 12:1-18.

Neste domingo, além da Divina Liturgia, a Igreja observa a bênção e a distribuição dos Ramos. Uma cesta contendo as cruces tecidas de palmeira é colocada em uma mesa em frente ao ícone do Senhor, que está no Iconostase. A oração pela bênção dos ramos rezada pelo sacerdote ou bispo encontra-se no *Hieratikón* ou no *Euxologion*. De acordo com as rubricas do *Typikon*, esta oração é lida no Orthros pouco antes dos Salmos de Louvor (Ainoi).

Em seguida, os ramos são distribuídas aos fiéis. Em muitos lugares hoje, a oração é dita no final da Divina Liturgia, antes da *Apólise* (despedida) e é precedida por uma procissão que percorre o perímetro do templo. O texto da oração, no entanto, indica claramente que é menos uma oração pela bênção dos ramos, embora esse seja o seu título, e mais uma bênção para aqueles que, imitando o evento do Novo Testamento, seguram os ramos em suas mãos como símbolos da vitória de Cristo e como sinais de uma vida cristã virtuosa. Parece, então, que seria mais correto que os fiéis segurassem os ramos em suas mãos durante o curso da Divina Liturgia, quando a Igreja celebra tanto a presença quanto a vinda do Senhor no mistério da Eucaristia.

HINOLOGIA

APOLITÍKION (MODO 1º)

Ó Cristo Deus, dando-nos, antes da tua Paixão uma garantia da ressurreição geral, ressuscitaste Lázaro dos mortos; por isso, nós também, como os filhos dos hebreus, levamos os símbolos da vitória, clamando: Ó vencedor da morte, hosana nas alturas! Bendito o que vem em nome do Senhor!

APOLITÍKION (MODO 4º)

Fomos sepultados contigo pelo batismo, ó Cristo nosso Deus, e pela tua Ressurreição, merecemos a vida eterna. Por isso, a Ti cantamos em alta voz: hosana nas alturas! Bendito o que vem em nome do Senhor!

KONDÁKION (MODO PLAGAL 2º)

Ó Cristo Deus, que nos céus estás sentado num trono, e na terra montado num jumentinho, recebeste com agrado o canto dos Anjos e o louvor das crianças que te aclamavam: Bendito és, tu que vieste para fazer Adão reviver!

REFERÊNCIAS

Material catequético da Arquidiocese Ortodoxa Grega da América do Norte, traduzido para o espanhol e adaptado por S. E. R. Dom IOSIF, Arcebispo Metropolitano de Buenos Aires, com permissão expressa da jurisdição acima citada do Patriarcado Ecumênico. Versão em língua portuguesa traduzida e editada pelos Rev.mos Arquimandritas André Sperandio e Irineo Tamanini.

1. The Lenten Triodion. translated by Mother Mary and Kallistos Ware (South Canaan, PA: St. Tikhon's Seminary Press, 1994), pp. 57-58, 464-488.
2. Schmemmann, Alexander. Great Lent: Journey to Pascha (Crestwood, New York: St. Vladimir's Seminary Press, 1969), pp. 79-85.
3. Calivas, Alkiviadis C. Great Week and Pascha in the Greek Orthodox Church (Brookline: Holy Cross Press, 1992), pp. 21-27.
4. Farley, Donna. Seasons of Grace: Reflections on the Orthodox Church Year (Ben Lomond, CA: Conciliar Press, 2002), pp. 123-126.
5. Ícone em destaque de Athanasios Clark e usado com permissão.



OS OFÍCIOS DO NOIVO

«Eis que o Noivo vem no meio da noite»

INTRODUÇÃO

Começando na noite do Domingo de Ramos e continuando até a noite da Terça-Feira Santa, a Igreja Ortodoxa observa um ofício especial conhecido como o Ofício do Noivo. Cada ofício da tarde é o ofício de Matinas ou Orthros do dia seguinte (por exemplo, o ofício de domingo à noite é o ofício de Orthros da Segunda-feira Santa). O nome deste ofício vem da figura do Noivo, na parábola das Dez Virgens encontrada em Mateus (25:1-13).

CONTEXTO PROPEDÊUTICO E CONCEITUAL

Os referidos ofícios constituem um contexto propedêutico e reflexivo em função dos demais dias da Semana Santa e é por isso que nos apresentam uma série de temas baseados principalmente nos últimos dias da vida terrena de Jesus. A história da Paixão, contada e registrada pelos evangelistas, é precedida por uma série de eventos em Jerusalém e uma coleção de parábolas, ditos e discursos centrados na filiação divina de Jesus, no Reino de Deus, na Parusia e no julgamento de Cristo sobre a hipocrisia e as maquinações obscuras dos líderes religiosos.

Os ofícios dos três primeiros dias da Grande Semana baseiam-se nestes acontecimentos e ditos, e constituem uma espécie de catequese de preparação, enquanto os acontecimentos da vida terrena do Teantropo se intensificam e o dramatismo atinge o seu ponto mais alto. Pode-se dizer que os três dias constituem uma só unidade litúrgica. Eles têm o mesmo ciclo, estrutura e sistema de oração diária.

Os textos das Escrituras, os hinos, as comemorações e as fórmulas que compõem os elementos rituais nos respectivos ofícios do ciclo destacam na sua reflexão – sempre profunda e com um caráter eminentemente simbólico – aspectos significativos da história da salvação, recordando os eventos que anteciparam a Paixão e proclamando a inevitabilidade e o significado da Parusia no contexto da «economia» do Logos desde o início dos tempos e até a sua consumação.

O Orthros de cada um destes dias é chamado de Ofício do Noivo (*Akolouthia tou Nimfiou*). O nome vem da figura central da conhecida parábola das dez virgens (Mt 25:1-13). O título Noivo-Esposo sugere a intimidade do amor entre Cristo e a Humanidade-Igreja. É significativo que o Reino de Deus seja comparado a uma festa de casamento e a uma câmara nupcial. O Cristo da paixão é o divino Esposo da Igreja e, naturalmente, de toda a humanidade. O imaginário conota a união erótico-mística final do Amante e do amado. O título Esposo-Noivo também sugere a contínua Parusia do Logos, na consumação dos tempos (últimas coisas), mas também sempre presente. Na tradição patrística, a parábola acima mencionada refere-se à Segunda Vinda e está associada à necessidade de ascese, isto é, vigilância e preparação espiritual, pela qual nos é permitido guardar os

mandamentos divinos e receber as bênçãos do século vindouro já neste século. O tropário «Eis que o Esposo vem no meio da noite ...», que é cantado no início do Orthros da Grandes Segunda-feira, Terça-feira e Quarta-feira, relaciona a comunidade adoradora àquela expectativa essencial: vigiar e esperar pelo Senhor, que virá novamente para julgar os vivos e os mortos.

SEGUNDA-FEIRA SANTA

Na Segunda-feira Santa comemoramos José, o Patriarca, o amado filho de Jacó. José é uma figura de destaque no Antigo Testamento, e sua história é contada na seção final do Livro de Gênesis (capítulos 37-50). Por causa de suas virtudes excepcionais, qualidades e vida notável, nossa tradição patrística e litúrgica apresenta José como «tipos Christou», isto é, como um protótipo, prefiguração ou imagem de Cristo.

A história de José ilustra o mistério da providência, a promessa e a redenção de Deus. Inocente, casto e justo, sua vida dá testemunho do poder do amor e da promessa de Deus. A lição a ser aprendida da vida de José, no que se refere à redenção final operada pela morte e ressurreição de Cristo, é resumida em suas palavras aos seus irmãos que anteriormente o haviam traído: «Não temais (...) porque pensastes mal contra mim; mas Deus encaminhou para o bem, para que muitas pessoas pudessem permanecer vivas, como é hoje. Portanto, não temais; Eu providerei para vocês e para vossos pequeninos'. Assim os tranquilizou e consolou» (Gênesis 50:19-21). A comemoração do nobre, bem-aventurado e santo José recorda-nos que, nos grandes acontecimentos do Antigo Testamento, a Igreja reconhece e vislumbra claramente as realidades do Novo Testamento.

Da mesma forma, na Grande e Santa Segunda-feira a Igreja comemora o evento da maldição da figueira (Mt 21:18-20). Na narração do Evangelho diz-se que este acontecimento se deu no dia seguinte à entrada triunfal de Jesus em Jerusalém (Mt 21:18 e Mc 11:12). Por esta razão, decanta no ofício da Grande Segunda-feira. O episódio também é bastante relevante para a Semana Santa. Junto com o evento da purificação do Templo, este episódio é outra manifestação-revelação do poder e autoridade divina de Jesus e uma revelação do Juízo de Deus sobre a infidelidade das classes religiosas judaicas.

A figueira é um símbolo de Israel voluntariamente tornado estéril por sua recusa em reconhecer e receber Cristo e seus ensinamentos. A maldição da figueira é uma parábola em ação, um gesto simbólico, outra revelação, outro signo-sinal.

Este episódio deixa claro que o «cristianismo nominal» não só é inadequado, mas também uma degeneração do chamado legítimo e primigênio, como outra versão da hipocrisia farisaica e, portanto, um obstáculo ao acesso ao Reino de Deus. A fé cristã genuína é dinâmica e

frutífera. Ela penetra em todo o ser e provoca uma transformação positiva e plausível. A fé viva, verdadeira e sem adulteração torna o cristão consciente de que ele já é um cidadão do céu e pode situar-se corretamente diante de Deus como sua criatura e não acima d'Ele em virtude de seu ego. Portanto, sua maneira de pensar, sentir, agir e ser deve refletir essa realidade. Aqueles que pertencem a Cristo devem viver e andar no Espírito; e o Espírito dará fruto neles: amor, alegria, paz, paciência, mansidão, bondade, fidelidade, mansidão, temperança (Gl 5:22-25).

TERÇA-FEIRA SANTA

Na Terça-feira Santa, a Igreja recorda duas parábolas, que estão relacionadas com a Segunda Vinda. Uma é a parábola das Dez Virgens (Mateus 25: 1-13); a outra é a parábola dos Talentos (Mateus 25:14-30). Essas parábolas apontam para a inevitabilidade e necessidade da Parusia e lidam com tópicos como vigilância e mordomia espiritual, responsabilidade e juízo.

Dessas parábolas aprendemos pelo menos duas coisas fundamentais: primeiro, o Dia do Juízo será como a situação em que se encontravam as damas de honra (ou virgens) da parábola: algumas prontas para ele, outras não. O tempo que se decide dar e dar-se a Deus é agora e não em um ponto indefinido no futuro. Se «o tempo e a maré não esperam por ninguém», a Parusia certamente não é exceção. A tragédia da porta fechada é que ela é fechada por indivíduos, não por Deus. A exclusão da festa de bodas, o Reino, é de nossa própria criação, é nossa própria vontade. Em segundo lugar, somos lembrados de que a vigilância não significa um desempenho tedioso e sem espírito de obrigações religiosas formais e vazias. Vigilância significa prontidão espiritual, estabilidade interior, sobriedade, serenidade, esperança e alegria. Significa estado de alerta espiritual, atenção e circunspecção. A vigilância é a profunda determinação pessoal de encontrar e fazer a vontade de Deus, de abraçar cada mandamento e cada virtude, e de proteger o intelecto e o coração dos silogismos negativos e suas consequentes emoções e ações. Vigilância é amor intenso a Deus.

QUARTA-FEIRA SANTA

Na Quarta-feira Santa, a Igreja convida os fiéis a centrarem a sua atenção em duas figuras: a mulher pecadora que ungiu a cabeça de Jesus pouco antes da paixão (Mt 26:6-13), e Judas, o discípulo que traiu o Senhor, numa contínua tensão comparativa: a primeira reconheceu Jesus como Senhor, enquanto o segundo se separou do Mestre; aquela foi libertada, enquanto este se tornou escravo; uma herdou o Reino, enquanto o outro caiu na perdição. Esses dois personagens já arquetípicos no imaginário cristão evocam temas profundos relacionados à gestão da liberdade, à escolha do pecado e à sua oposição, que é a metanoia.

A metanoia da mulher é contrastada com a trágica queda do discípulo escolhido. O Triódion deixa claro que Judas pereceu, não simplesmente porque traiu seu Mestre, mas porque, tendo caído no pecado da traição, ele se recusou a acreditar na possibilidade de perdão. Se deploramos as ações de Judas, não o fazemos com justiça própria vingativa e hipócrita, mas sempre conscientes de nossa própria debilidade. Em geral, todas as passagens do Triódion que parecem ser dirigidas contra aqueles que desprezam o Messias devem ser entendidas da mesma maneira. Quando o Triódion denuncia aqueles que rejeitaram a Cristo e O entregaram à morte, reconhecemos que estas palavras se aplicam não apenas aos outros, mas a nós mesmos: Ou não temos frequentemente traído o Salvador em nossos corações e O crucificado novamente?

«Transgredi mais do que a prostituta, ó amoroso Senhor, mas nunca te ofereci minhas lágrimas. Em silêncio, prostro-me diante de Ti e, com amor, beijo os teus puríssimos pés, implorando-Te como Mestre, que me concedas a remissão dos pecados; e a Ti clamo: Ó Salvador: livra-me da imundície das minhas obras».

«Enquanto a mulher pecadora trazia óleo de mirra, o discípulo tramava com os transgressores. Ela se alegrava em derramar o que lhe era muito precioso, ele se apressou em vender Aquele que é inestimável (superior a todo preço). Ela reconheceu Cristo como Senhor, ele se separou do Mestre. Ela foi posta em liberdade, mas Judas tornou-se escravo do inimigo. Penosa foi a sua falta de amor. Grandioso foi o seu arrependimento. Concede-me também tal arrependimento, ó Salvador, que sofreste por nós, e salva-nos».

ICONOGRAFIA

O ícone «O Noivo» retrata Cristo durante sua Paixão, particularmente durante o período em que nosso Senhor foi zombado e torturado por soldados que O coroaram com espinhos, O vestiram de púrpura e colocaram uma cana em suas mãos, zombando dele como o «Rei dos Judeus».



CELEBRAÇÃO

Os ofícios que acontecem na noite do Domingo de Ramos e nas noites de Segunda-feira Santa e Terça-feira Santa são os ofícios de Matinas ou Orthros do dia seguinte. Após a leitura dos Salmos no início do ofício, o tropário próprio do Ofício do Noivo é cantado três vezes. No Domingo de Ramos, enquanto este hino é cantado, o sacerdote carrega em procissão o ícone do Cristo-Esposo e o coloca no meio da soléa do templo onde permanece até a Quinta-Feira Santa.

As leituras do Evangelho das Matinas para cada um dos Ofícios do Noivo ou do Esposo são: Segunda-feira Santa: Mateus 21:18-43; Terça-feira Santa: Mateus 22:15-46, 23:1-39; e Quarta-feira Santa: João 12:17-50.

Na maioria das paróquias, uma liturgia Pré-santificada pode ser realizada nas manhãs da Segunda, Terça e Quarta-Feira Santas. A Liturgia dos Dons Pré-santificados tem um caráter e uma ordem diferentes da anáfora de São João Crisóstomo e São Basílio, o Grande. Consiste em três partes ou seções principais: a) O Ofício das Grandes Vésperas próprio desta liturgia; b) o solene traslado dos dons pré-santificados para a Santa Mesa; c) a preparação e distribuição da Sagrada Comunhão. A Liturgia não contém a Anáfora, tendo os Dons do pão e do vinho sido consagrados na Divina Liturgia do domingo ou sábado anterior.

As leituras bíblicas para cada uma das liturgias Pré-santificadas são: Segunda-feira Santa: Êxodo 1:1-21, Jó 1:1-12, Mateus 24:3-35; Terça-feira Santa: Êxodo 2:5-10, Jó 1:13-22, Mateus 24:36-26:2; Quarta-feira Santa: Êxodo 2:11-23, Jó 2:1-10, Mateus 26:6-16.

HINOGRRAFIA

TROPÁRIO

Eis que o esposo vem no meio da noite. Feliz o servo que ele encontrar vigilante. Aquele, porém, que encontrar imprevidente será considerado indigno de acompanhá-lo. Acautela-te, pois, ó minha alma, a fim de que não sejas entregue à morte e fiques fora das portas do Reino. Mas, desperta, clamando: «Santo, Santo, Santo és ó Senhor! Pela intercessão da Theotokos, tem piedade de nós!»

EXAPOSTILÁRIO

Tua câmara nupcial eu contemplo, ó Salvador meu! Contemplo-a toda adornada, e eu não tenho as vestes para nela entrar. Torna luminosa a roupagem da minha alma, ó Tu que dás a luz, e salva-me!

REFERÊNCIAS

Material catequético da Arquidiocese Ortodoxa Grega da América do Norte, traduzido para o espanhol e adaptado por S. E. R. Dom IOSIF, Arcebispo Metropolitano de Buenos Aires, com permissão expressa da jurisdição acima citada do Patriarcado Ecumênico. Versão em língua portuguesa traduzida e editada pelos Rev.mos Arquimandritas André Sperandio e Irineo Tamanini.



O MISTÉRIO DA SANTA UNÇÃO

*«Alguém dentre vós está doente?
Mande chamar os presbíteros da Igreja».*

INTRODUÇÃO

Na tarde ou noite da Grande e Santa Quarta-feira o Sacramento ou Mistério da Santa Unção tem lugar nas paróquias ortodoxas. O Mistério da Santa Unção é oferecido para a cura da alma e do corpo, e para o perdão e a remissão dos pecados, uma vez que, muitas vezes, ao curar-se a alma, o corpo também é curado.

No final do Ofício do mistério, os sentidos do corpo são ungidos com óleo consagrado e a graça de Deus, que cura as enfermidades da alma e do corpo, é invocada sobre cada pessoa. O mistério – próprio do hierarca – é delegado ao presbitério e, se possível, é realizado por uma reunião de sacerdotes, idealmente em número sete; no entanto, pode ser realizada por um número menor e até mesmo por um único sacerdote.

HERMENÊUTICA

Quando se está enfermo e com dor, muitas vezes pode ser um momento na vida em que se sente solitário e isolado. O mistério da Unção dos Enfermos, ou Santa Unção, como também é conhecido, recorda-nos que quando estamos com dor, seja física, emocional ou espiritual, Cristo está

presente conosco através do ministério da sua Igreja. Ele está entre nós para oferecer força para enfrentar os desafios da vida, e até mesmo a aproximação da morte.

Tal como acontece com a Unção Crismal, o azeite também é usado neste mistério como um sinal vivo e dinâmico da presença, força e redenção de Deus. Após a consagração do óleo, a leitura de sete perícopes de diferentes Epístolas, sete lições do Santo Evangelho e o oferecimento de sete orações de absolvição, todas dedicadas à remissão de pecados e outros traumas da alma, o sacerdote unge os sentidos do corpo com o Santo Óleo. A Ortodoxia não considera que este mistério esteja disponível apenas para aqueles que estão perto da morte. É oferecido a todos os que estão enfermos no corpo, mente ou espírito.

O padre Thomas Hopko explica isso com o seguinte:

«Cristo veio ao mundo para carregar nossas enfermidades. Um dos sinais de sua messianidade divina foi curar os enfermos. O poder de curar permanece na Igreja como o próprio Cristo habita na Igreja através do Espírito Santo».

«O Sacramento da Unção dos Enfermos é a oração específica da Igreja pela cura. Se a fé dos crentes é forte o suficiente, e se é a vontade de Deus, há todas as razões para crer que o Senhor pode curar aqueles que estão enfermos».

A fundamentação bíblica para o mistério em questão é encontrada em Tiago 5:14-16:

«Alguém dentre vós está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja para que orem sobre ele, ungindo-o com óleo em nome do Senhor. A oração da fé salvará o doente e o Senhor o porá de pé; e se tiver cometido pecados, estes serão perdoados. Confessai, pois, uns aos outros, os vossos pecados e orai uns pelos outros, para que sejais curados. A oração fervorosa do justo tem grande poder».

Na literatura cristã antiga, testemunhos indiretos do Mistério da Unção podem ser encontrados em Santo Irineu de Lyon e em Orígenes. Mais tarde, há testemunhos claros disso nos santos Basílio, o Grande, e João Crisóstomo, que deixaram orações para a cura dos enfermos que mais tarde entraram no rito da Unção. No século V, o Papa Inocêncio I respondeu a uma série de perguntas sobre o Mistério da Unção, afirmando em suas respostas que: a) deve ser feita 'sobre os crentes que estão enfermos'; b) também pode ser realizada por um bispo, uma vez que não deve ser vista nas palavras do Apóstolo, que 'chame os presbíteros, qualquer proibição de um bispo participar da ação sagrada; c) esta unção não pode ser feita 'sobre aqueles

que estão em penitência eclesiástica', porque é um 'Mistério', e para aqueles a quem estão proibidos os outros Mistérios, como só um pode ser permitido?

Como Padre Hopko explica:

«O propósito expresso do Sacramento da Santa Unção é a cura e o perdão. Uma vez que nem sempre é a vontade de Deus que haja cura física, a oração de Cristo para que a vontade de Deus seja feita permanece sempre o contexto apropriado do Sacramento. Além disso, é clara a intenção do Sacramento que, através da unção do corpo enfermo, os sofrimentos da pessoa sejam santificados e unidos aos sofrimentos de Cristo e, desta forma as feridas da carne sejam consagradas e fortalecidas, uma vez que o sofrimento do enfermo não é para a morte de sua alma, mas para a salvação eterna na ressurreição e na vida do Reino de Deus».

«Na verdade, a morte inevitavelmente vem. Todos devem morrer, mesmo aqueles que nesta vida recebem a absolvição através da cura, a fim de ter mais tempo na terra. Portanto, a cura dos enfermos não é em si um objetivo final, mas é meramente 'instrumental' no sentido de que Deus a dá como um sinal de sua misericórdia e como uma graça para que o homem possa ter mais oportunidades de viver para Ele e para os outros na vida deste mundo».

«No caso de uma pessoa estar obviamente nos momentos finais de sua vida terrena, a Igreja tem orações especiais para a 'separação da alma e do corpo'. Portanto, é claro que o Sacramento da Santa Unção é para os doentes, tanto físicos quanto mentais, e não está reservado para o momento da morte. O Sacramento da Unção não é um dos 'últimos ritos', como às vezes se pensa; o ritual da unção em si mesmo de forma alguma indica que ele deve ser administrado apenas em casos 'extremos'».

CELEBRAÇÃO

O mistério em si requer sete sacerdotes, sete leituras das Epístolas e Evangelhos, sete orações de absolvição e sete unções com óleo abençoadas especificamente durante o culto. Embora nem sempre seja possível realizar o ritual dessa maneira, o procedimento normal ainda é reunir o maior número possível de sacerdotes e pessoas.

No final do ofício, o sacerdote lê a última oração de absolvição enquanto impõe o Evangelho aos fiéis ajoelhados; em seguida, unge-os enquanto faz o sinal da cruz nos sentidos (para resumir muitos sacerdotes só o fazem na testa e nas palmas das mãos) dizendo: *«Para a cura da alma e do corpo»*.

ORDEM DO OFÍCIO

ORAÇÕES INTRODUTÓRIAS E SALMOS 142 E 50

Nestes Salmos, confessamos nossa pecaminosidade diante de Deus e pedimos a Ele que nos limpe e crie um «espírito novo e justo dentro de nós» (Salmo 50:10).

CÂNONE

Nesta série de versículos que são lidos ou cantados, pedimos a Deus que tenha misericórdia de nós e limpe nossas almas, afaste todos os poderes malignos, conceda salvação àqueles que estão enfermos ou sofrendo e nos conceda a cura de nossas almas e corpos. No final de vários conjuntos de versículos, pedimos a Deus que renove nossas vidas para que possamos bendizê-Lo, agradecer e glorificá-Lo para sempre.

ORAÇÕES CURTAS OU TROPÁRIOS AOS SANTOS

Oramos aos santos, especialmente os anárgiros e taumaturgos, que ajudaram os enfermos e sofredores, àqueles que foram martirizados para a glória de Deus e à Mãe de Deus para que interceda por nós pela salvação de nossas almas.

LIÇÕES E ORAÇÕES DA EPÍSTOLA E DO EVANGELHO

Há sete conjuntos de leituras e orações da Epístola e do Evangelho.

- a. Tiago 5:10-16; Lucas: 10:25-37
- b. Romanos 15:1-7; Lucas 19:1-10
- c. I Coríntios 12:27-31; 13:1-8; Mateus 10:1,5-8
- d. II Coríntios 6:16-18, 7:1; Mateus 8:14-23
- e. II Coríntios 1:8-11; Mateus 25:1-13
- f. Gálatas 5:22-6:2; Mateus 15:21-28
- g. I Tessalonicenses 5:14-23; Mateus 9:9-13.

Cada uma das sete absolvições suplica pela remissão de nossos pecados, a cura de nossas almas e corpos e a vida eterna.

HINOGRAFIA

EXAPOSTILARION DO SACRAMENTO

«Tem misericórdia, ó Bondoso, volta os teus olhos para as nossas súplicas, nós que nos reunimos hoje no teu santo Templo, para ungir com o teu azeite divino os teus servos enfermos».

TRÊS TROPÁRIOS

«Tu, que és a única rápida ajuda, ó Cristo, manifesta a tua pronta visita do alto sobre os teus servos enfermos; livra-os de suas enfermidades e dores cruéis; e levanta-os de novo para cantar louvores a Ti e, para que incessantemente te glorifiquem; pelas orações da Theotokos, ó Tu, o único Filantropo».

«Posto que tendes uma fonte de cura, ó santos anárgiros, dispensais curas a todos os necessitados, pois vos foram dadas grandes dádivas da fonte inesgotável de Cristo, nosso Salvador. O Senhor vos diz para imitardes o zelo dos Apóstolos: 'Eis que vos dei poder sobre os espíritos imundos, para que os expulseis e cureis toda a enfermidade e dores». Tendo verdadeiramente vivido de acordo com seus mandamentos, de graça recebestes e, portanto, de graça dais, curando as dores de nossas almas e nossos corpos».

«Atende, ó Virgem puríssima, às súplicas de teus servos, e esmaga os assaltos de nossos inimigos, libertando-nos de toda aflição. Pois que és nossa única âncora segura e nossa proteção. Não permitas que aqueles de nós que te invocam, ó Senhora Nossa, sejamos envergonhados. Apressa-te a atender as súplicas daqueles que com fé te clamam: Alegrete, ó Soberana, auxiliadora de todos, alegria, proteção e salvação de nossas almas».

ORAÇÃO DO AZEITE

«Ó Senhor, que em tua misericórdia e generosidade, curas as desordens de nossas almas e corpos, Tu, o Mestre, santifica este azeite, para que seja eficaz para aqueles que serão ungidos com ele, para cura e alívio de toda paixão, toda enfermidade da carne e do espírito, e de todo mal; e para que nele seja glorificado o teu santíssimo Nome, do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo, agora e sempre e pelos séculos dos séculos. Amém.

REFERÊNCIAS

Material catequético da Arquidiocese Ortodoxa Grega da América do Norte, traduzido para o espanhol e adaptado por S. E. R. Dom IOSIF, Arcebispo Metropolitano de Buenos Aires, com permissão expressa da jurisdição acima citada do Patriarcado Ecumênico. Versão em língua portuguesa traduzida e editada pelos Rev.mos Arquimandritas André Sperandio e Irineo Tamanini.

1. Hopko, Father Thomas, *The Orthodox Faith Volume 2: Worship*. New York, The Department of Religious Education, *The Orthodox Church in America*, 1972, pp. 40-41.



GRANDE E SANTA QUINTA-FEIRA

«Porque não revelarei o mistério aos teus inimigos,
nem te darei um beijo como Judas».

INTRODUÇÃO

Na quinta-feira da Semana Santa, são comemorados quatro eventos salvíficos na «economia» do Logos Divino: o lava-pés dos discípulos, a instituição do Sacramento-Mistério da Sagrada Eucaristia na Última Ceia, a agonia no Jardim do Getsêmani e a traição de Cristo por Judas.

A INSTITUIÇÃO DA EUCARISTIA

Na Ceia Mística – ou Última Ceia – no Cenáculo, Jesus deu um significado radicalmente novo à comida e bebida da refeição sagrada da festa da Páscoa. Identificou-se, ele mesmo, com o cordeiro pascal sacrificado e, conseqüentemente, com o pão e o vinho que foram consumidos naquela noite: «*Tomai, comei, este é o meu Corpo. Bebei dele todos vós, pois este é o meu Sangue da Nova Aliança*» (Mateus 26:26-28).

Aprendemos a equiparar o alimento à vida porque ele sustenta nossa existência terrena. Na Eucaristia, o alimento humano distintamente único, o pão e o vinho, converte-se em nosso dom de vida. Consagrados e santificados, o pão e o vinho tornam-se Corpo e Sangue de Cristo. Esta mutação não é física, mas mistérica e sacramental, produzida pela energia incriada da Trindade.

Na refeição eucarística, o próprio Deus entra numa tal comunhão de vida com os homens que alimenta a humanidade inteira com o seu próprio ser, sem deixar de ser distinto. Nas palavras de São Máximo, o Confessor, Cristo «*nos transmite a vida divina, tornando-se comestível*». O Autor da vida rompe as limitações da nossa criação. Cristo atua para «*fazer-nos participantes da natureza divina*» (2 Pedro 1:4).

A Eucaristia está no centro da vida da Igreja. É a sua oração mais profunda e a sua principal atividade. É tanto a fonte quanto o ápice de sua vida e operação. Na Eucaristia, a Igreja manifesta a sua verdadeira natureza e transforma-se continuamente de comunidade humana no Corpo Místico de Cristo, no Templo do Espírito Santo e no Povo eleito de Deus. A Eucaristia é o sacramento-mistério por excelência. Completa todos os demais e resume toda a «economia» da salvação. A nossa nova vida em Cristo é constantemente renovada e incrementada pela Eucaristia. A Eucaristia transmite a vida, e a vida que ela dá é a vida do próprio Deus, a quantos a recebem com fé inexpugnável e inabalável e com a necessária amplitude receptiva a nível da alma.

Na Eucaristia, a Igreja comemora – **anamnesis** – e atualiza misteriosamente todos os eventos da «**economia crística**» para a nossa redenção. Isto não sugere que a Eucaristia busque recuperar um acontecimento passado, uma vez que na sintonia litúrgica o tempo se desenrola também de modo misterioso. A Eucaristia não repete o que não

pode se repetir, uma vez que se realizou «de uma vez e para sempre», mas **re-atualiza** aquela *continuidade-perpetuidade* que supõe a ação redentora de Cristo. O alimento eucarístico pela ação do Espírito Paráclito transforma-se concreta e verdadeiramente no Corpo e no Sangue do Cordeiro de Deus, «*que se entregou a si mesmo pela vida do mundo*».

Cristo, o *Teantropo*, continuamente se oferece aos fiéis através dos Dons consagrados, isto é, seu próprio Corpo ressuscitado e deificado, que morreu uma vez por nós e, agora, vive para sempre (Hebreus 10:2; Apocalipse 1:18). Por isso, os fiéis vêm à igreja, semana após semana, não apenas para adorar a Deus – que é a ação natural do homem espiritualmente saudável para com Deus – e para ouvir sua palavra. Vêm, sobretudo, experimentar repetidamente o mistério da salvação e unir-se intimamente à Paixão e Ressurreição do Senhor Jesus Cristo através da Eucaristia.

Na Eucaristia, recebemos e participamos de Cristo ressuscitado. Participamos de sua carne sacrificada, ressuscitada e deificada, «*para a remissão dos pecados e a vida eterna*». Na Eucaristia, Cristo derrama em nós – como dom permanente e constante – o Espírito Santo, «*que dá testemunho ao nosso espírito de que somos filhos de Deus – e como filhos – também herdeiros de Cristo*» (Romanos 8:16-17).

O LAVA-PÉS

A iniciação realizada por Jesus a seus discípulos na Ceia Mística foi profundamente significativa: ensinando-os e dando-lhes suas instruções finais e também orando por eles, Ele revelou novamente sua filiação e autoridade divinas. Ao instituir a Eucaristia, Ele consagra à perfeição os propósitos mais íntimos de Deus para a nossa salvação, oferecendo-se a si mesmo como Comunhão e Vida. Ao lavar os pés de seus discípulos, Ele os purificou, resumiu o significado de seu ministério, manifestou seu amor perfeito e revelou sua profunda humildade.

O ato de lavar os pés (João 13:2-17) está intimamente relacionado ao sacrifício da Cruz. Ambos revelam aspectos da *kênosis* de Cristo. Enquanto a Cruz é a manifestação máxima da perfeita obediência de Cristo ao seu Pai (Filipenses 2:5-8), o lava-pés significa seu intenso amor e a entrega de si mesmo a cada pessoa de acordo com a **capacidade receptiva** dessa pessoa de recebê-Lo (João 13:6-9).

ORAÇÃO NO JARDIM DO GETSÊMANI

Os evangelhos sinóticos preservaram para nós outro episódio significativo na série de eventos que levaram à paixão, a saber, a agonia e a oração de Jesus no Jardim do Getsêmani (Mateus 26:36-46; Marcos 14:32-42; Lucas 22:39-46).

Embora Jesus fosse o Filho de Deus, Ele estava destinado como homem a aceitar plenamente a condição humana, a experimentar o sofrimento e a aprender a obediência. Despojando-se das prerrogativas divinas, o Filho de Deus assumiu voluntariamente o seu papel de servo. Embora Ele mesmo fosse sem pecado, se incorporou a toda a raça humana, identificou-se com a situação humana e experimentou as mesmas provações (Filipenses 2:6-11; Hebreus 2:9-18), a fim de redimi-la em sua totalidade.

Deste modo, toda a contingência humana, a sua fragilidade e mesmo os seus fracassos são assumidos, absorvidos e sublimados na união hipostática do Logos que, mesmo vivendo como homem perfeito, permanece necessariamente impecável, uma vez que, tendo anulado o pecado original, eleva e une a humana natureza à divindade na sua própria pessoa.

Os eventos emocionalmente comoventes no Jardim do Getsêmani revelaram de forma dramática e vibrante a natureza humana perfeita de Cristo. O sacrifício que ele deveria suportar pela salvação do mundo era iminente. Ele **voluntariamente** *permite* – ἐκουσίως – que a morte, com toda a sua força brutal e fúria, seu terrível fardo e temor – resultados calamitosos do pecado ancestral no homem caído – (Hebreus 5:7) seja sofrida para a redenção do gênero humano. Instintivamente, como homem, ele procurou escapar dela, enquanto *permite* – transige – que em si mesmo tenham lugar **paixões inocentes**. Em sua agonia, orou a seu Pai: « Abba! Ó pai! Tudo é possível para Ti: afasta de mim este cálice; porém, não o que Eu quero, mas o que Tu queres» (Marcos 14: 36).

A sua oração revelava a profundidade da sua agonia e dor, bem como a perfeita configuração de ambas as naturezas na sua única hipótese: revelava, então, também a sua «*incomparável força espiritual e o seu desejo e decisão inamovíveis de fazer a vontade do Pai*». Jesus ofereceu seu amor incondicional e confiança ao Pai. Chegou aos limites extremos da abnegação – «*não o que eu quero*» – para cumprir a vontade de seu Pai e, assim, realizar sua «economia» salvífica. Sua aceitação da morte não foi uma espécie de passividade e resignação estoica, mas um ato voluntário de amor e obediência absolutos. Naquele momento de decisão, quando declarou que sua aceitação da morte estava de acordo com a vontade do Pai, ele rompeu o poder do temor da morte – já que nele não havia pecado – com todas as incertezas, ansiedades e limitações que a acompanham. (Hebreus 5:8-9).

TRAÍÇÃO

Judas traiu Cristo com um beijo, um sinal de amizade e amor. A traição e a crucificação de Cristo levam as consequências do pecado ancestral aos seus limites extremos, uma vez que nestes dois atos, a rebelião dos homens contra Deus atinge a sua capacidade e força máximas. **A sedução do homem no paraíso culminou na morte de Deus na carne**. No entanto, aquela morte foi diferente, foi vivificante, redentora, uma vez que, finalmente, anulou o poder

da morte e do pecado. O mal, ao final, no entanto, se mostra como uma mentira, um absurdo e uma pura loucura. A morte e a ressurreição de Cristo tornam impotentes o mal e o pecado e abrem a possibilidade de uma nova relação com Deus que sublima todas as consequências do pecado dos antepassados para todos aqueles que voluntariamente aceitam a nova proposta existencial.

Na Grande Quinta-feira, luz e escuridão, alegria e tristeza se misturam de uma maneira tão estranha e paradoxal. No Cenáculo e no Getsêmani, a luz do Reino e as trevas do inferno se manifestam simultaneamente. O modo de vida e o caminho da morte convergem. Encontramos os dois em nossa jornada existencial. No meio das armadilhas e tentações que abundam no mundo que nos rodeia e em nós mesmos, devemos estar ansiosos para viver em comunhão com tudo o que é bom, nobre, natural e, conseqüentemente, sem pecado, configurando-nos pela graça de Deus à semelhança de Cristo.

ICONOGRAFIA

No ícone da Última Ceia, Cristo é a figura central na mesa. São João, o discípulo amado (Evangelista, Teólogo) está sentado à direita de Cristo; como o mais jovem dos discípulos, ele é retratado sem barba. Judas Iscariotes, o Traidor, é a terceira figura da esquerda de Cristo; é retratado mergulhando a mão no prato (Mateus 26:20-25). São João, o Discípulo Amado, recebe em sua mão esquerda um pedaço do Corpo de Cristo; outro pedaço está sobre a mesa diante de Cristo. O cálice que contém o precioso sangue de Cristo está em sua mão esquerda.

CELEBRAÇÃO

Vários ofícios marcam a celebração ortodoxa da Quinta-Feira Santa. O principal ofício do dia é a Divina Liturgia Vespertina de São Basílio, que acontece na manhã da Quinta-Feira Santa. Esta Liturgia comemora a instituição da Sagrada Eucaristia.

As leituras bíblicas para a liturgia são: Êxodo 19:10-18; Jó 38:1-21, 42:1-5; Isaías 50:4-11; I Coríntios 11:23-32; e Mateus 26:2-20; João 13,3-17; Mateus 26:21-39; Lucas 22,43-45; Mateus 26:40-27:2.

SANTO CRISMA

Na antiguidade cristã, era costume batizar catecúmenos na festa da Páscoa. Os óleos crismais, usados para a unção dos neófitos ou recém-batizados, eram consagrados com antecedência, na Quinta-feira Santa. Esta prática continuou até o final da Idade Média. O ofício de consagração era realizado anualmente. Com o tempo, no entanto, começou a ser celebrado ocasionalmente, à medida que surgia a necessidade de substituir o Crisma por um novo.

O Santo Crisma também é chamado *de Santo Myron*. É uma mistura de azeite de oliva, bálsamo, vinho e cerca de cinquenta e sete substâncias aromáticas de várias regiões do mundo que simbolizam a plenitude da graça mistérico-sacramental, a doçura da vida cristã e os múltiplos e diversos dons do Espírito Santo, bem como a universalidade da Igreja.

No Patriarcado Ecumênico de Constantinopla, o Santo Crisma é preparado durante a Liturgia deste dia santo. O rito ocorre imediatamente após a eleição de um novo Patriarca e, aproximadamente, a cada dez anos, conforme a necessidade da Igreja Ortodoxa em todo o mundo. O Myron feito em Constantinopla pelo Patriarca Ecumênico assistido por representantes de todos os Patriarcados e Igrejas Autocéfalas e Autônomas, é distribuído no mundo inteiro para as arquidioceses, dioceses e suas respectivas paróquias e monastérios de todas as jurisdições ortodoxas, e serve para realizar os sacramentos-mistérios que pressupõem seu uso. Desta forma, o Santo Crisma é um símbolo da união de todos os ortodoxos na fé comum que é o vínculo inquebrável que sustenta a Igreja.

O SACRAMENTO RESERVADO

Por costume, dois Cordeiros são consagrados na Divina Liturgia da Quinta-Feira Santa. O segundo Cordeiro é usado como um Sacramento Reservado. O Sacramento Reservado é usado especialmente para dar a comunhão aos enfermos e em outras situações de emergências.

O Sacramento Reservado do ano anterior é consumido pelo sacerdote após a Liturgia na Grande Quinta-feira ou no Grande Sábado da maneira usual.

Caso o Sacramento Reservado tenha sido esgotado, ou por qualquer motivo tenha sido alterado, perdido ou destruído, ou não exista, como no caso da fundação de uma nova igreja, o sacerdote pode consagrar um segundo Cordeiro em qualquer Divina Liturgia, e prepará-lo da maneira descrita acima e colocá-lo no *Artophorion*.

O OFÍCIO DO *NEPTIRA* (LAVA-PÉS)

Parece que a antiga Igreja realizava uma cerimônia de lava-pés anualmente na Grande Quinta-feira em imitação do evento da Última Ceia. Na maior parte, limitava-se a igrejas catedrais e certos monastérios. Com o tempo, o ofício caiu em desuso, exceto em certas áreas, como Jerusalém, onde ainda é realizado.

Agora está sendo recuperado por muitas dioceses em todo o mundo ortodoxo. O ofício é elaborado, dramático e comovente. Realiza-se com especial solenidade no Patriarcado de Jerusalém e no Monastério de São João, o Teólogo, na Ilha de Patmos.

HINOGRAPHIA

TROPÁRIO (MODO PLAGAL 4º)

«Enquanto os gloriosos discípulos eram iluminados pelo Lava-pés, o ímpio Judas, enegrecido pelo amor ao dinheiro, vendeu aos indignos juizes o justo Juiz. 'Ó Tu, que amas o dinheiro, olha aquele que se enforcou por causa dele! Afasta-te, pois, deste desejo insaciável, quem ousou realizar uma tal ação contra o Mestre'. Mas Tu, Senhor, bom para todos, glória a Ti!»

HINO DA COMUNHÃO

«Recebe-me hoje, ó Filho de Deus, como participe da tua mística Ceia. Eu não revelarei o mistério aos teus adversários, nem te darei um beijo como fez Judas. Mas, como o ladrão, confesso-te: lembra-te de mim, Senhor, no teu Reino!»

REFERÊNCIAS

Material catequético da Arquidiocese Ortodoxa Grega da América do Norte, traduzido para o espanhol e adaptado por S. E. R. Dom IOSIF, Arcebispo Metropolitano de Buenos Aires, com permissão expressa da jurisdição acima citada do Patriarcado Ecumênico. Versão em língua portuguesa traduzida e editada pelos Rev.mos Arquimandritas André Sperandio e Irineo Tamanini.

2. The Lenten Triodion. translated by Mother Mary and Kallistos Ware (South Canaan, PA: St. Tikhon's Seminary Press, 1994), pp. 60-61, 548-564.
3. Calivas, Alkiviadis C. Great Week and Pascha in the Greek Orthodox Church (Brookline: Holy Cross Press, 1992), pp. 51-62.
4. Farley, Donna. Seasons of Grace: Reflections on the Orthodox Church Year (Ben Lomond, CA: Conciliar Press, 2002), pp. 133-136.
5. Wybrew, Hugh. Orthodox Lent, Holy Week and Easter: Liturgical Texts with Commentary (Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 1997), pp. 101-104.



GRANDE E SANTA SEXTA-FEIRA

*«Hoje está suspenso no madeiro
Aquele que suspendeu a terra sobre as águas».*

INTRODUÇÃO

Na Santa e Grande Sexta-feira, a Igreja Ortodoxa comemora a morte de Cristo na Cruz. Este é o ponto culminante da observância da sua paixão, pela qual o Senhor sofreu e morreu para a nossa plena libertação do domínio do diabo. Esta comemoração começa na quinta-feira à noite com as Matinas da Sexta-Feira Santa e termina com as Vésperas na sexta-feira de manhã, nas quais se celebra a descida de Cristo da Cruz e a colocação do seu corpo no sepulcro.

CONTEMPLAÇÃO

Neste dia, comemoramos os sofrimentos de Cristo: o escárnio, a coroa de espinhos, a flagelação, os cravos, a sede, o vinagre e o fel, o grito desolado e tudo o que o Salvador suportou na Cruz.

O dia da morte de Cristo é o dia do domínio do homem caído e do fracasso humano. O pecado - como uma negação de Deus - que corrompeu a criação de Deus desde o alvorecer dos tempos, atingiu seu terrível clímax na colina do Gólgota. Então, o fracasso da humanidade - ἀμαρτία - e o mal, a destruição e a morte parecia terem a última palavra no drama messiânico. Homens ímpios O fizeram pregar na Cruz, para destruí-Lo. No entanto, sua morte condenou irrevogavelmente o mundo caído, revelando sua natureza verdadeira e anormal.

Em Cristo, o Novo Adão, não há pecado e, portanto, não há morte. Ele aceitou a morte voluntariamente porque assumiu toda a tragédia da nossa vida, desde a criação até o seu fim. E escolheu derramar sua vida no ceio da morte para destruí-la e quebrar o jugo do mal. Paradoxalmente, a sua morte é a revelação final e definitiva da sua divindade, bem como da sua perfeita obediência e amor ao Pai e à humanidade como um todo, sem distinção.

Ele sofreu por todos nós a dor insuportável da solidão absoluta e da humilhação: «Deus meu, Deus meu, *por que me abandonaste!*» (Marcos 15: 34). Então ele aceitou livremente o horror final da morte com o grito agonizante: «*Está consumado*» (João 19:30). Seu clamor foi, ao mesmo tempo, uma indicação de que Ele estava no controle total de sua própria morte e que Sua obra de redenção foi realizada. O paradoxo, mais uma vez: **enquanto a nossa morte é a alienação radical, a sua é uma realização total.**

O dia da morte de Cristo tornou-se o nosso verdadeiro dia de (re)nascimento. No mistério de Cristo morto e ressuscitado, a morte adquire um valor positivo, na medida em que é aniquilada e alienada. Embora a morte física e biológica ainda pareça reinar, ela não é mais o estágio final de um longo processo destrutivo. Tornou-se a porta indispensável, assim como o sinal seguro da nossa última Páscoa, a nossa passagem da morte para a Vida, em vez da vida para a morte.

Desde o princípio, a Igreja observou uma comemoração anual dos três dias decisivos e cruciais da história sagrada, a saber, a Grande Sexta-feira, o Grande Sábado e a Páscoa. A Grande Sexta-Feira e o Grande Sábado têm sido observados como dias de profunda tristeza e jejum estrito, desde a antiguidade cristã.

A Sexta-feira Santa e o Sábado Santo dirigem nossa atenção para o juízo, a crucificação, a morte e o sepultamento de Cristo. Concentramo-nos, pois, no mistério assombroso da extrema humildade do nosso Deus sofredor. Portanto, estes são dias, ao mesmo tempo, de profunda tristeza e **expectativa vigilante**. O Autor da Vida está operando e transformando a morte em Vida:

«Vinde, vejamos a nossa Vida que jaz na sepultura, para dar a vida àqueles que jazem mortos em seus túmulos» (Stichiron dos Orthros do Grande Sábado Santo).

Liturgicamente, o acontecimento profundo e avassalador da morte e do sepultamento de Deus na carne é marcado por um tipo particular de silêncio, isto é, pela ausência de uma celebração eucarística. A Grande Sexta-feira e o Grande Sábado são os dois únicos dias do ano em que a assembleia eucarística não é celebrada. No entanto, antes do século XII, era costume celebrar a Liturgia dos Dons Pré-Santificados na Sexta-Feira Santa.

Os Ofícios divinos da Grande Sexta-feira, com a riqueza de suas extensas lições bíblicas, excelente hinografia e vívidas ações litúrgicas, destacam a paixão de Cristo e o seu significado cósmico. Os hinos dos ofícios deste dia ajudam-nos a ver como a Igreja compreende e celebra o mistério imponente da paixão e morte de Cristo.

ICONOGRAFIA

Na Santa e Grande Sexta-feira, as igrejas ortodoxas exibem o ícone conhecido como «Akra Tapeinosis - Extrema Humildade». Este ícone representa o corpo morto do Cristo crucificado em uma posição ereta no túmulo com a cruz ao fundo. Ele combina os dois eventos impressionantes da Grande Sexta-feira: a crucificação e o sepultamento de Cristo.

A Igreja também tem um ícone da crucifixão de Cristo. Ele é mostrado pregado na Cruz. Seu lado direito é perfurado e da ferida fluem sangue e água. Ao pé da cruz há um crânio (Gólgota, o Monte da Crucifixão, significa «o lugar do crânio»). A tradição relata que a Cruz de Cristo estava diretamente no túmulo de nosso ancestral Adão. Na barra superior da Cruz está a inscrição «I.N.B.I.», as iniciais das palavras gregas que significam «**Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus**». À esquerda de Cristo, a Theotokos e Santa Maria Madalena também são frequentemente representadas; o jovem São João, o discípulo

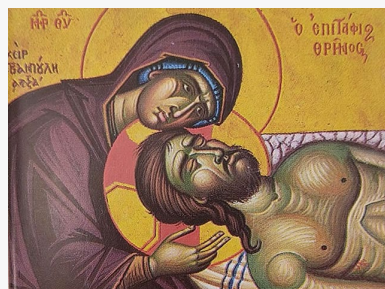




amado, e São Longino, o Centurião, (Marcos 15:39) são mostrados à direita, quando são representados.

Outro ícone que representa os eventos da Sexta-Feira Santa é conhecido como «O Epitaphios Thrinos – o lamento sobre o sepulcro». Neste ícone, Cristo foi descido da Cruz e seu corpo está sendo preparado para o sepultamento. Ao redor do corpo e lamentando sua morte estão sua Mãe, a Theotokos, João, o discípulo amado, José de Arimatéia e Maria Madalena.

Além destes ícones, as igrejas ortodoxas exibem um grande crucifixo de madeira com uma imagem de Cristo anexada. Nas Vésperas de sexta-feira, pela manhã, a imagem de Cristo é retirada da Cruz e envolta em um pano branco. Outro ícone, representando o corpo de Cristo removido da Cruz e deitado no túmulo, aparece no chamado «**Epitáfio**», que é uma tela que é colocado no túmulo – *kouvouklion* – durante este ofício.



CELEBRAÇÃO

As comemorações da Sexta-Feira Santa começam com o ofício de Matinas realizado na noite de quinta-feira. Trata-se de um ofício único de Matinas com doze leituras do Evangelho, começando com o discurso de Cristo na Última Ceia e terminando com o relato de seu sepultamento: João 13:31-18:1, João 18:1-29, Mateus 26:57-75, João 18:28-19:16, Mateus 27:3-32, Marcos 15:16-32, Mateus 27:33-54, Lucas 23:32-49, João 19:38-42, Marcos 15:43-47, João 19:38-42, Mateus 27:62-66.

As leituras relatam as últimas instruções de Cristo aos seus discípulos, a profecia do drama da Cruz, a oração dramática de Cristo e seu mandamento novo. Após a leitura do quinto Evangelho, a procissão com a cruz ocorre ao redor da igreja, enquanto o sacerdote canta a Décima Quinta Antífona:

«Hoje está suspenso no madeiro aquele que suspendeu a terra sobre as águas. Uma coroa de espinhos foi colocada sobre a cabeça do Rei dos Anjos. Aquele que revestiu o céu com as nuvens foi revestido de falsa púrpura. Aquele que libertou Adão, no Jordão, recebeu uma bofetada. O Esposo da Igreja foi pregado com cravos à cruz. O Filho da Virgem é perfurado com uma lança. Adoramos tua Paixão, ó Cristo. Mostra-nos, pois, a tua Ressurreição gloriosa».

Durante a Procissão, os cristãos ortodoxos se ajoelham e veneram a cruz e rezam por seu bem-estar espiritual, imitando o ladrão na cruz que

confessou sua fé e devoção a Cristo. Em seguida, os fiéis se aproximam e beijam com reverência a cruz e o crucificado colocados no centro (na frente) da igreja.

Na manhã de sexta-feira são realizados os ofícios das Grandes Horas Reais. Estes ofícios contêm principalmente leituras de orações, hinos e passagens do Antigo Testamento, Epístolas e Evangelhos. As leituras bíblicas para estes ofícios são: Primeira Hora: Zacarias 11:10-13, Gálatas 6:14-18, Mateus 27:1-56; Terceira Hora: Isaías 50:4-11, Romanos 5:6-10, Marcos 15:6-41; Sexta hora: Isaías 52:13-54:1, Hebreus 2:11-18; Lucas 23:32-49; Nona hora: Jeremias 11:18-23, 12:1-5, 9-11, 14-15, Hebreus 10:19-31, João 18:28-19:37.

O ofício de Vésperas da manhã de sexta-feira é uma continuação das Horas Reais. Durante este ofício, a descida do Corpo de Cristo da Cruz é celebrada com uma profunda piedade e senso de luto. Mais uma vez, trechos do Antigo Testamento são lidos junto com hinos, e novamente a história completa é contada, seguida pela descida de Cristo da Cruz e o envolvimento de seu corpo em um lençol branco, assim como fez José de Arimatéia.

Enquanto o sacerdote lê o Evangelho, quando recita «e tomando o corpo, José o envolveu em um lençol branco», remove o Corpo de Cristo da Cruz, envolve-o em um lençol branco e o leva para o altar. Canta então um hino de luto:

«Quando José de Arimatéia desceu do madeiro o teu corpo morto, ó Vida de todos, com mirra e linho fino sepultou... regozijando-se. Glória à tua humilhação, ó Mestre, que te revestes de luz como de um manto»!

Então, o sacerdote leva a tela na qual o corpo de Cristo está bordado deitado no túmulo, conduzindo-a ao redor do templo antes de colocá-lo no interior do sepulcro (epitáfio), - *kouvouklion*- que simboliza o túmulo de Cristo. Somos lembrados de que durante o sepultamento de Cristo Ele desce ao Hades para libertar os cativos mortos por séculos antes de sua Ressurreição.

As leituras bíblicas do Ofício de Vésperas são: Êxodo 33,11-23; Jó 42:12-17; Isaías 52:13-54:1; I Coríntios 1:18-2:2; e dos Evangelhos Mateus 27:1-38; Lucas 23:39-43; Mateus 27:39-54; João 19:31-37; e Mateus 27:55-61.

HINOGRRAFIA

Décima Quinta Antífona das Matinas (Modo plagal 2º)

Hoje está suspenso no madeiro aquele que suspendeu a terra sobre as águas. Uma coroa de espinhos foi colocada sobre a cabeça do Rei dos Anjos. Aquele que revestiu o céu com as nuvens foi revestido de falsa púrpura. Aquele que libertou Adão, no Jordão, recebeu uma bofetada. O Esposo da Igreja foi pregado com cravos à cruz. O Filho da Virgem é

perfurado com uma lança. Adoramos tua Paixão, ó Cristo. Mostra-nos, pois, a tua Ressurreição gloriosa».

EXAPOSTILARION

«No mesmo dia, ó Senhor, concedeste o Paraíso ao ladrão. Agora, pelo madeiro da Cruz, ilumina-me e salva-me».

REFERÊNCIAS

Material catequético da Arquidiocese Ortodoxa Grega da América do Norte, traduzido para o espanhol e adaptado por S. E. R. Dom IOSIF, Arcebispo Metropolitano de Buenos Aires, com permissão expressa da jurisdição acima citada do Patriarcado Ecumênico. Versão em língua portuguesa traduzida e editada pelos Rev.mos Arquimandritas André Sperandio e Irineo Tamanini.

1. *The Lenten Triodion*. translated by Mother Mary and Kallistos Ware (South Canaan, PA: St. Tikhon's Seminary Press, 1994), pp. 61-62, 565-622.
2. Calivas, Alkiviadis C. *Great Week and Pascha in the Greek Orthodox Church* (Brookline: Holy Cross Press, 1992), pp. 63-76.
3. Farley, Donna. *Seasons of Grace: Reflections on the Orthodox Church Year* (Ben Lomond, CA: Conciliar Press, 2002), pp. 137-140.
4. Wybrew, Hugh. *Orthodox Lent, Holy Week and Easter: Liturgical Texts with Commentary* (Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 1997), pp. 105-108.



GRANDE E SANTO SÁBADO

*«Os bálsamos convém aos mortos,
Cristo, porém, revelou-se estranho à corrupção».*

INTRODUÇÃO

No Grande e Santo Sábado, a Igreja Ortodoxa comemora o sepultamento de Cristo e sua descida ao Hades. É o dia entre a crucificação de nosso Senhor e sua gloriosa ressurreição. As Matinas do Sábado Santo são realizadas na sexta-feira à noite e, embora muitos elementos do ofício representem a consternação pela morte e sepultamento de Cristo, o ofício em si é de expectativa vigilante com um caráter necessariamente ressurrecional.

CONTEMPLAÇÃO

No Santo e Grande Sábado, a Igreja contempla o mistério da descida do Senhor ao Hades, o lugar dos mortos. A morte, aquele que foi o nosso último inimigo, é derrotado desde o seu próprio interior: *"Ele (Cristo) entregou-se como resgate da morte em que estávamos cativos, vendidos ao pecado. Descendo ao Hades através da Cruz... Ele desatou os laços da morte»* (Liturgia de São Basílio).

Durante o Grande Sábado, nossa atenção é colocada no Túmulo de Cristo. Esta não é uma sepultura qualquer. Não é um lugar de corrupção, decadência e derrota. Pelo contrário, é doadora de Vida, fonte de poder, vitória e libertação.

O Grande Sábado é o dia entre a morte e a ressurreição de Jesus. É o dia da **expectativa vigilante**, em que o luto vai se convertendo em alegria. O dia encarna no sentido mais pleno possível o significado do conceito helênico de *xarmolipi* - *alegria-tristeza*, que dominou as celebrações da Grande Semana. O hinógrafo da Igreja penetrou no mistério profundo e ajuda-nos a compreendê-lo através do seguinte diálogo poético que concebeu entre Jesus e a sua Mãe:

«Não chore por mim, ó Mãe, vendo teu filho que miraculosamente concebeste em teu ventre deitado em um túmulo; porque eu ressuscitarei dos mortos e serei glorificado; e, como Deus, exaltarei incessantemente em glória aqueles que te engrandecem com fé e amor».

«Em teu maravilhoso nascimento, fui poupada das dores naturais e fiquei sobrenaturalmente feliz, ó meu filho sem princípio. Mas agora te vejo, ó meu Deus, sem respiração e morto e sou dolorosamente dilacerada pela espada da dor. Então, ressuscita, para que eu seja enaltecida!»

«A terra me encobre por minha própria vontade, mas as portas do Hades se estremecem ao ver-me revestido com as vestes manchadas com o sangue da vingança. Com efeito, castiguei meus inimigos sobre a cruz e, como Deus, ó Mãe, ressuscitarei e te exaltarei».

«Que toda a criação se alegre e que todos os habitantes da terra rejubilem, pois, o Hades, o inimigo, foi despojado. Deixe que as mulheres com seus aromas venham ao meu encontro. Eu liberto Adão e Eva e toda a raça humana. E no terceiro dia eu ressuscitarei».

(Nona Ode do Cântico)

O Grande Sábado é o dia de descanso preeminente. Cristo observa um descanso sabático no sepulcro. Seu descanso, no entanto, não é a inatividade, mas o cumprimento da vontade e do plano divinos para a salvação da humanidade e do cosmos como um todo. **Aquele que trouxe todas as coisas à existência faz todas as coisas novas. A recriação do mundo se faz de uma vez por todas.** Através de sua encarnação, vida e morte, Cristo encheu todas as coisas de si mesmo. Ele abriu o caminho da ressurreição dos mortos para toda a carne, pois não era possível que o autor da vida fosse dominado pela corrupção.

São Paulo nos diz que «Deus estava em Jesus Cristo reconciliando consigo o mundo» (II Coríntios 5:19). Portanto, a vida eterna, real e auto regeneradora penetrou nas profundezas do Hades. Cristo, que é a Vida de todos, destruiu a morte por sua própria morte. Por isso a Igreja canta com alegria: **"As coisas estão agora repletas de luz, céu e terra e tudo o que está debaixo da terra»** (Cântico Pascal).

A Igreja se reconhece «o lugar, a realidade eterna, onde a presença de Cristo vence Satanás, o inferno e a própria morte». A solene observância do Grande Sábado ajuda-nos a recordar e a celebrar a grande verdade de que «apesar das vicissitudes e contradições quotidianas da história e da presença permanente do inferno no coração e na sociedade humanas», a vida foi libertada de uma vez para sempre! Cristo anulou o poder da morte.

É significativo que o ícone da Ressurreição em nossa Igreja seja a Descida de Cristo ao Hades, o lugar dos mortos. Este ícone representa um Cristo vitorioso, que reina em glória pisoteando a morte e tomando Adão e Eva em suas mãos, arrancando-os do abismo do inferno. Este ícone expressa vividamente as verdades que resultam da vitória de Cristo sobre a morte pela sua morte e ressurreição.

ICONOGRAFIA

O ícone da festa mostra Maria Madalena, Maria, a Mãe de Deus, João, o discípulo amado, e José de Arimatéia preparando o corpo de Cristo para o túmulo.

CELEBRAÇÃO

O ofício da noite de sexta-feira é as matinas do Sábado Santo. Nele se intercala o cântico das Lamentações (Encômios), constituído de três

estações. Na terceira stasis, quando o verso «*Ἐρρανὺν τὸν τάφον, αἱ Μυροφόροι μύρα, λίαν πρῶτ' ἐλθοῦσαι* - «As portadoras de aroma, indo muito cedo ao teu sepulcro, o aspergiram de aroma» é cantado, o sacerdote asperge o Epitáfio com água de rosas, usando o *rantistirion* (asperges). Este versículo é geralmente repetido três ou mais vezes. Também se tornou costume aspergir os fiéis.

Ao término do ofício, os fiéis saem em procissão com o chamado Epitáfio, a estrutura que representa o túmulo de Cristo, ao redor da Igreja cantando o hino *Trisaghion*, semelhante à tradicional procissão para um funeral, bem como as três estações de lamentações.

É costume que o clero e o povo segurem velas acesas durante o canto das lamentações e na procissão do epitáfio. Esta prática tem suas raízes nas antigas práticas cristãs de sepultamento (cortejo fúnebre). Velas são acesas para simbolizar a vitória de Cristo sobre a morte, e para expressar também a fé da Igreja na Ressurreição.

As leituras bíblicas para o Ofício de Matinas são: Ezequiel 37:1-14; I Coríntios 5:6-8; Gálatas 3:13-14; e Mateus 27:62-66.

A liturgia celebrada na manhã do Santo e Grande Sábado é a de São Basílio, o Grande, e é vespertina. Começa com as Vésperas e, após a Entrada, o hino da noite «*Ó Luz jubilosa ...*» é cantado como de costume. Em seguida, as leituras do Antigo Testamento são recitadas. Nelas são relatados os eventos e profecias mais surpreendentes sobre a salvação da humanidade pela morte do Filho de Deus. O relato da criação em Gênesis é a primeira leitura. A sexta leitura é a história da travessia do Mar Vermelho por Israel e o cântico de vitória de Moisés sobre o Faraó, com seu refrão: «*Porque gloriosamente Ele é glorificado*». A última leitura é sobre os Três Jovens na fornalha ardente da Babilônia, e seu cântico de louvor com seu respectivo refrão: «*Ó! Louvai o Senhor e exaltai-o para sempre!*»

Na Igreja antiga, os catecúmenos eram batizados durante o tempo destas leituras. A Epístola que segue fala de como, através da morte de Cristo, nós também ressuscitaremos para uma nova Vida. Depois da Epístola, o coro canta, como um chamado ao Cristo adormecido: *Levanta-te, Senhor, julga a terra, pois a herdarás entre todas as nações...*» O diácono canta a leitura dos Evangelhos e lê a primeira mensagem da ressurreição de São Mateus. Como uma parte do Ofício de Vésperas pertence ao dia seguinte (*Pascha*), os hinos do sepultamento, no sábado, se misturam aos da ressurreição, de modo que este ofício já esteja cheio da alegria pascal vindoura.

Após a leitura da Epístola, o sacerdote segue o costume de lançar folhas de louro, dizendo: «*Levanta-te, ó Deus, julga a terra; pois a Ti pertencem todas as nações*». O hino Querúbico de hoje é: «*Que toda a carne mortal fique em silêncio e permaneça com temor e tremor...*», um hino reflexivo de adoração

e exaltação. A Divina Liturgia termina com o Hino da Comunhão: « O Senhor, despertou-se, como de um sono e levantou-se, salvando-nos».

HINOGRAFIA

APOLITÍKIONS RESSURRECIONAIS

« O nobre José, tendo descido da Cruz teu corpo imaculado, envolveu-o num lençol puro, cobriu-o de aroma e o depositou com cuidado num túmulo novo».

«Tendo descido ao túmulo, ó imortal, Tu destruístes o poderio dos infernos e levantaste-te como vencedor, ó Cristo Deus, Tu, que disseste às mulheres Miróforas: rejubilai! E aos apóstolos, dás a paz, Tu que ressuscitas aqueles que sucumbiram».

«O Anjo, sentado junto do túmulo, disse às mulheres portadoras de aroma: 'Os aromas convêm aos mortos; Cristo, porém, mostrou-se alheio à corrupção».

REFERÊNCIAS

Material catequético da Arquidiocese Ortodoxa Grega da América do Norte, traduzido para o espanhol e adaptado por S. E. R. Dom IOSIF, Arcebispo Metropolitano de Buenos Aires, com permissão expressa da jurisdição acima citada do Patriarcado Ecumênico. Versão em língua portuguesa traduzida e editada pelos Rev.mos Arquimandritas André Sperandio e Irineo Tamanini.

1. The Lenten Triodion. traduzido por Madre Maria e Kallistos Ware (South Canaan, PA: St. Tikhon's Seminary Press, 1994), pp. 61-62, 622-661.
2. Calivas, Alkiviadis C. Great Week and Pascha in the Greek Orthodox Church (Brookline: Holy Cross Press, 1992), pp. 77-87.
3. Farley, Donna. Seasons of Grace: Reflections on the Orthodox Church Year (Ben Lomond, CA: Conciliar Press, 2002), pp. 141-144.
4. Wybrew, Hugh. Orthodox Lent, Holy Week and Easter: Liturgical Texts with Commentary (Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 1997), pp. 109-112.



SANTA PÁSCOA

*«Cristo ressuscitou dos mortos
vencendo a morte com a sua morte».*

INTRODUÇÃO

Na Grande e Santa Festa da Páscoa, os cristãos ortodoxos celebram a ressurreição vivificante de nosso Senhor, Deus e Salvador Jesus Cristo. Esta é a Festa das festas, é o dia mais significativo e chave na vida da Igreja. É a celebração da derrota da morte, do pecado e da negatividade, pois nem a própria morte nem o poder da sepultura poderiam manter cativo nosso Salvador. Nesta vitória que veio através da Cruz, Cristo aboliu a escravidão do pecado, e através da fé nos oferece restauração, transformação e vida eterna.

CONTEMPLAÇÃO

A Semana Santa chega ao seu fim na noite do Grande e Santo Sábado, quando a Igreja se prepara para celebrar a sua festa mais antiga e proeminente, a Páscoa, a Festa das festas. O tempo de **preparação dará lugar a um tempo de cumprimento**. A luz gloriosa e resplandecente que emana do sepulcro vazio dissipará as trevas da insegurança, do medo e da morte. Cristo, ressuscitado dos mortos, rompe a fortaleza da morte e torna «cativo o cativo» (Salmo 67:19). Todas as limitações de nossa criação são despedaçadas. A morte é absorvida pela vitória e a Vida é liberada para todos. «Com efeito, visto que a morte veio por um homem, também por um homem vem a ressurreição dos mortos. Pois, assim como todos morrem em Adão, em Cristo todos receberão a vida. (I Coríntios 15:21-22). A Páscoa é o alvorecer do dia novo e interminável a nível existencial: a Ressurreição constitui a libertação mais radical e decisiva da humanidade.

A ressurreição de Jesus Cristo é a verdade fundamental e o núcleo essencial da fé cristã. É a experiência central e o *querigma* essencial da Igreja. Confirma a autenticidade da notável vida terrena de Cristo e vindica a verdade de sua revelação e ensinamentos. Ele sela também toda a sua obra redentora: a sua vida, modelo de vida santa; seu ensinamento convincente e único; suas obras extraordinárias; e sua assombrosa morte vivificadora. **A ressurreição de Cristo é a garantia da nossa salvação**. Juntamente com a sua Ascensão ao céu, a entronização à direita do Pai e a sua segunda Parusia, Ele leva à perfeição a união de Deus conosco por toda a eternidade.

A ressurreição tornou possível o milagre da Igreja, que em cada época e geração proclama e afirma «o *desígnio de Deus para o universo, a divinização última do homem e de toda a ordem criada*». A profunda experiência e a fé inabalável no Senhor ressuscitado permitiram aos Apóstolos evangelizar o mundo e capacitaram a Igreja a superar o culto dos ídolos criados. A ressurreição revela o poder indestrutível e a sabedoria inescrutável de Deus. Elimina mitos ilusórios e sistemas de crenças pelos quais as pessoas, desprovidas de conhecimento divino, se esforçam para afirmar o significado

e o propósito de sua existência. Cristo, ressuscitado e glorificado, liberta a humanidade dos enganos da idolatria em todas as suas dimensões. Nele a humanidade, apegada ao sepulcro, descobre e enche-se de uma esperança incomparável. A Ressurreição ilumina, revigora as almas, traz perdão, transfigura vidas, cria santos e dá alegria.

A ressurreição aboliu ainda a realidade da morte e revelou a sua impotência, embora ainda hoje a morte seja observada como um fenômeno (Hebreus 2: 14-15). Continuamos a morrer como resultado da queda de nossos antepassados. Nossos corpos se decompõem e retornam à Terra. *«Deus permite que exista a morte como um fenômeno temporário; de um prisma mais profundo e essencial, porém, Ele a volta contra a corrupção e a sua causa, o pecado, e estabelece um limite tanto para a corrupção quanto para o pecado».* Assim, a morte física não destrói a nossa vida de comunhão com Deus ou o nosso desejo natural de transcendência: o nosso destino é transitar da morte para a Vida, deste mundo de corrupção para o Reino de Deus.

ICONOGRAFIA

Um dos ícones festivos mais simbólicos da Igreja Ortodoxa é o da Santa Ressurreição. No centro deste evento radiante está Cristo arrancando com força Adão e Eva de seus túmulos. Os portões do Reino da Morte estão quebrados e derrubados. A morte, personificada em forma humana, é derrotada e atada de pés e mãos na parte inferior da cena. Recordamos as ditosas palavras de São Paulo: *« Morte, onde está a tua vitória? Morte, onde está o teu aguilhão?»* (I Coríntios 15:55)



No fundo está a hoste dos adormecidos por gerações, tão numerosos que não podem ser representados. Entre eles, à frente da multidão, estão



alguns dos justos mortos, embora agora reavivados pela Ressurreição. O rei Davi e seu filho Salomão são vistos à esquerda usando coroas. Perto do centro está São João Batista. Do outro lado está Abel, o filho de Adão, o primeiro homem a morrer. Ele veste uma túnica de pastor e tem um cajado. Muitos ícones deste tema representam

grandes multidões com alguns outros profetas reconhecíveis.

CELEBRAÇÃO

Na noite de sábado, antes da meia-noite, as Odes de lamentação do dia anterior são repetidas. O *Orthros* da Ressurreição tem seu início em completa

escuridão. O sacerdote toma a luz da luz da vigília e a dá aos fiéis, que seguram velas. O sacerdote canta: «*Vinde e recebei a luz da Luz que não se apaga, e glorificai a Cristo, que ressuscitou dos mortos!*»; e todo o povo se junta a ele para cantar este hino repetidas vezes. A partir deste momento, cada cristão sustenta o círio pascal como símbolo da sua fé viva e profunda na Ressurreição de Jesus Cristo como Salvador. Em muitas igrejas, o sacerdote convida a todos a seguir em procissão para fora da igreja onde será realizado o Ofício da Ressurreição, onde lê o Evangelho que se refere a proclamação dos anjos: «*Ele ressuscitou, não está aqui*» (Marcos 16:1-8).

Segue-se o momento mais alto da celebração, enquanto o povo espera que o sacerdote inicie o hino da Ressurreição e se une a ele para cantar, repetidamente: «**Cristo ressuscitou dos mortos, venceu a morte com a sua morte, dando vida aos que estavam nos túmulos**». A partir deste momento, todo o ofício adquire um clima jubiloso de Páscoa. Os hinos do Cânon da Ressurreição, as odes e louvores da Ressurreição que se seguem são de significado profundo, esperançoso e alegre. O povo confessa: «*É o Dia da Ressurreição, sejamos gloriosos, abracemo-nos uns aos outros e falemos com os que nos odeiam; Perdoemos tudo e depois clamemos: Cristo ressuscitou dos mortos*». Com este hino, eles admitem que o amor ao próximo é o sólido fundamento da fé na ressurreição de Cristo. Com este hino, admitem que o amor ao próximo é o sólido fundamento da fé na ressurreição de Cristo.

Segue-se a Divina Liturgia de São João Crisóstomo. No final da Liturgia, lê-se uma parte do maravilhoso sermão festivo de São Crisóstomo, que convida o povo a «*participar desta bela e radiante festa. Que ninguém tenha medo da morte, pois a morte do Salvador nos libertou. Ó Morte, onde está o teu aguilhão? Ó Hades, onde está a tua vitória? Cristo ressuscitou e fostes destruídos. A Ele seja glória e poder para todo o sempre*».

As leituras bíblicas para a Divina Liturgia são: Atos 1:1-8 e João 1:1-17.

Na tarde do domingo de Páscoa, os fiéis voltam a reunir-se para rezar com velas acesas no ofício do «Ágape». Todos cantam o hino «*Cristo ressuscitou dos mortos*». O povo saúda-se com alegria durante os próximos quarenta dias, dizendo: «*Cristo ressuscitou!*», saudação pascal à qual responde: «**Ele ressuscitou verdadeiramente**». E cantam: «*Pela vinda da graça, as sombras escuras da Lei passaram.*» E, de pé, em exaltação exclamam: «*Quem é um deus tão grande quanto o nosso Deus?*»

O prólogo do Evangelho segundo João (20:19-25) é lido em várias línguas, anunciando a Boa Nova da Ressurreição em todo o universo sem discriminação. O fruto da fé na ressurreição do Senhor é o amor em seu Nome; por isso, este dia chama-se «Domingo Ágape» – festa do amor – dia dedicado aos princípios cristãos, especialmente o perdão e a caridade. Neste dia os cristãos procuram pôr fim aos mal-entendidos e contendas entre aqueles com quem se pode estar em desacordo. O apóstolo Paulo interpreta

com firmeza a ressurreição de Cristo, dizendo: «Se Cristo não ressuscitou, então a nossa pregação é vã e a vossa fé é vã» (I Coríntios 15:14).

HINOGRAFIA

APOLITIKION (MODO PLAGAL 1º)

«Cristo ressuscitou dos mortos, venceu a morte com a sua morte, dando vida aos que estavam nos túmulos»

PRIMEIRA ODE DO CÂNON PASCAL (MODO 1º)

«Dia da Ressurreição! Resplandecei de alegria, Povos todos, ó Páscoa, Páscoa do Senhor, da morte para a Vida, da terra para os Céus Cristo Deus nos transportou, a nós que cantamos este hino triunfal.

DOXASTIKON DOS LOUVORES (MODO PLAGAL 1º)

«É a Páscoa! Na alegria, abracemo-nos uns aos outros. Chamemos irmãos mesmo àqueles que nos odeiam. Perdoemos tudo por causa da ressurreição e clamemos: Cristo ressuscitou dos mortos! venceu a morte com a sua morte, dando vida aos que estavam nos túmulos».

REFERÊNCIAS

Material catequético da Arquidiocese Ortodoxa Grega da América do Norte, traduzido para o espanhol e adaptado por S. E. R. Dom IOSIF, Arcebispo Metropolitano de Buenos Aires, com permissão expressa da jurisdição acima citada do Patriarcado Ecumênico. Versão em língua portuguesa traduzida e editada pelos Rev.mos Arquimandritas André Sperandio e Irineo Tamanini.

1. Pentecostarion. Traduzido do grego por Holy Transfiguration Monastery (Boston: Holy Transfiguration Monastery, 1990), 27-42.
2. Calivas, Alkiviadis C. Great Week and Pascha in the Greek Orthodox Church (Brookline: Holy Cross Press, 1992), pp. 89-121.
3. Farley, Donna. Seasons of Grace: Reflections on the Orthodox Church Year (Ben Lomond, CA: Conciliar Press, 2002), pp. 147-152.
4. Wybrew, Hugh. Orthodox Lent, Holy Week and Easter: Liturgical Texts with Commentary (Crestwood, NY: St. Vladimir's Seminary Press, 1997), pp. 113-118.